

UMA INTRODUÇÃO À LÓGICA DA FILOSOFIA DE ERIC WEIL

AN INTRODUCTION TO ERIC WEIL'S PHILOSOPHY OF LOGIC

Renato Silva do Vale*

Resumo: O presente artigo pretende expor as considerações sobre a Lógica da filosofia de Eric Weil, originalmente publicada em 1950 e sua contribuição para a difusão do pensamento filosófico-político. Na Lógica da Filosofia, Eric Weil analisa e identifica dezoito atitudes-categorias filosóficas. Essas dezoito categorias formam, de alguma forma, as partes do discurso que o homem empregou na totalidade de sua história, partes que são maneiras de viver e de se compreender e compreender o outro. A intenção que o motiva é desenvolver, quanto à sua estrutura dialética, uma Lógica como diálogo, que venha a englobar diferentes maneiras de ser, de compreender, de falar e de agir.

Palavras-chave: Lógica. Filosofia. Categoria. Atitude. Eric Weil.

Abstract: This article intends to expose the considerations about the Logic of the philosophy of Eric Weil, originally published in 1950 and its contribution to the diffusion of the philosophical and political thought. In Philosophy of Logic, Eric Weil analyzes and identifies eighteen attitudes-philosophical categories. These eighteen categories are, somehow, the parts of speech that the man used in the totality of his history, parts that are ways to live and to understand himself and to comprehend the other. The intention that motivates him is to develop, as to its dialectical structure, a logic as a dialogue, which will include different ways of being, to understand, speak and act.

Keywords: Logic. Philosophy. Category. Attitude. Eric Weil.

Introdução

A relevância desta pesquisa está no fato de investigar a intenção de Eric Weil ao escrever a Lógica da filosofia, elaborando uma nova leitura da Filosofia - diferente de toda a tradição - uma vez que questiona todo o discurso antigo e traz a novidade de uma superação de Immanuel Kant¹ (1724-1804) e, posteriormente, de Georg Wilhelm

* Mestrando em Ética e Filosofia Social e Política pela Universidade Estadual do Ceará – UECE sob orientação da Profa. Dra. Marly Carvalho Soares. Bolsista da CAPES. renatodovaleuece@yahoo.fr

¹ Em Kant podemos destacar a questão da centralidade antropológica, sobretudo a questão moral e do dever. A moral das obrigações e o dever de ser feliz. Como já Platão com a sua alegoria da caverna, assim também Kant afrontou a questão fundamental, a questão do fundamento. O homem como ser cognoscente não sai nunca do finito, mas enquanto vontade razoável que quer, vontade que quer ser razão, alcança o

Friedrich Hegel (1770-1831). Eric Weil busca modificar e desmitificar toda a maneira tradicional de pensar, maneira que só acredita na racionalidade, introduzindo o coração e a vontade, visando, junto com a mente, tratar do homem plenamente. Para Hegel, esta recusa da racionalidade é totalmente impossível; para Weil, uma realidade. Realidade que precisa ser superada sim, mas que não deixa de ser algo nato no homem, sendo mais utilizada na prática do que a própria racionalidade.

Numa vasta introdução de oitenta e seis páginas, que forma quase um livro autônomo, Eric Weil apresenta o conteúdo de seu livro. Ele quer compreender a multiplicidade de filosofias. É fato que Parmênides não diz a mesma coisa que Aristóteles, que não diz a mesma coisa que Marx, que não diz a mesma coisa que Hegel, que não diz a mesma que Nietzsche etc. Cada filosofia constitui uma determinada coerência, mas o conjunto das filosofias não forma um todo coerente. As vozes são discordantes, e os interesses variados, até incompatíveis. O que interessa a um não interessa a outro. Assim, pois, indagamos: como compreender essa florescência múltipla e desordenada de filosofias tão diferentes?

Weil elabora uma resposta que pode ser compreendida a partir da obra kantiana. Kant, depois de constatar a multiplicidade das metafísicas e o ceticismo decorrente dessa multiplicidade relativamente à razão especulativa, decidiu através da *Crítica da Razão Pura*, fazer uma conversão da razão. Segundo Kant, a razão deve voltar-se para si mesma, a fim de compreender previamente seu interesse, suas possibilidades e seus limites, antes de qualquer projeto de conhecimento. Eric Weil também não quis propor uma filosofia a mais e acrescentá-la às outras, denunciando o erro dos outros ou mostrando que os outros compreenderam confusamente alguma coisa que ele compreendia claramente; ele não queria apresentar uma temática nova, reduzindo as outras filosofias à preparação de seu tema. Ele elaborou uma filosofia que articula em si mesma as múltiplas filosofias, partindo da intenção filosófica.

infinito, aquilo que não conhece exterioridade nem limite; um infinito que ele pensa e que, por isso mesmo, ele não conhece como conhece o dado, o sensível, o finito. Esse ser finito no finito se pensa na verdade e, assim, no infinito, mas de uma infinitude que ele não pode preencher. Cf. PERINE, *Filosofia e Violência. Sentido e intenção da Filosofia de Eric Weil*, SãoPaulo: Loyola, 1987, p. 20.

1 A Lógica como diálogo²

Eric Weil procura, primeiramente, o denominador comum de todas as filosofias. É habitual dizer que a Filosofia procura a verdade. E, em sua longa e prestigiosa tradição ontológica, ela parece ter uma visão exclusivamente especulativa e contemplativa. Ocupada nessa visão, a Filosofia se esquece do que se passou em sua origem. Nessa origem, Eric Weil atualiza uma opção que constitui a singularidade da Filosofia e da razão de sua efetivação mundana. A Filosofia começa com uma escolha, a vontade de compreender e justificar a própria vida racionalmente. Dessa escolha se destaca uma outra possibilidade, que se ignora como possibilidade: a existência daquele que vive e que fala sem procurar justificar para si mesmo, e para os outros, seu modo de viver. Assim, se mostra o outro da Filosofia, seu adversário verdadeiro. Neste sentido, a *Lógica da Filosofia* vem a ser uma análise das diversas formas de linguagem e de ação, enquanto expressão do comportamento e enquanto forma de expressão livremente escolhida pelo filósofo. O filósofo é o indivíduo finito e razoável que objetiva compreender o infinito do discurso. Assim sendo, o filósofo conta com a crença em sua definição - pois ele é considerado o homem que formula o que todo mundo pensa, o porta-voz do senso comum, e ocupa assim uma função elevada na sociedade. (SOARES, 1998, p. 19).

Ademais, não existe a filosofia, mas o filosofar, que é a vontade de compreender tudo, alicerçada numa decisão livre. Tal vontade leva à criação de um discurso sistemático e crítico sobre a ciência, a história e a realidade. A filosofia quer ser uma interrogação sobre o sentido tanto na sua afirmação como na sua negação. E por isso ela é eminentemente científica, está para além do necessário e racional, uma vez que o racional é fundado na opção livre do homem e nem todo homem é filósofo. Todo ato humano tem lugar na filosofia, mas nem todos são racionais, porém devem ser compreensíveis, já que todos são interessantes. A Filosofia compreende todo modo de ser, de agir, de fazer e de falar. Ela vem a ser um sistema que inclui todas as possibilidades humanas. Sempre a realizar-se na história, não se contenta de respostas dadas e prontas, mas só se reconhece no aqui e agora (*hic et nunc*) para o homem enquanto homem. A compreensão do homem como um ser que é apenas razoável, que pode escolher a razão, que é liberdade em vista da razão (ou da violência).

² Cf. SOARES. A Lógica como Diálogo. *Veritas*, Porto Alegre, v. 43, n. 4, dez. 1998.

Violência e filosofia são tão intimamente relacionadas que não se compreende uma senão pela outra, e elas estão de tal modo implicadas na existência humana que não se a compreende sem elas. De fato, enquanto ser natural, o homem é violento, mas este ser violento *se compreende* e, por este mesmo fato, ele não é pura violência. (PERINE, 1987, p. 136).

Weil busca modificar e desmitificar toda a maneira tradicional de pensar, maneira que só acredita na racionalidade, introduzindo a possibilidade de recusa da racionalidade, culminando, pois, na possibilidade da violência, introduzindo o coração e a vontade, visando, junto com a mente, fazer uma abordagem do homem integralmente. Para Hegel, esta recusa da racionalidade é impossível, mas para Weil uma realidade; realidade que precisa ser superada, mas que não deixa de ser uma característica real do ser humano, característica que talvez tenha sido mais utilizada mais do que a própria racionalidade.

Com efeito, se é o homem concreto que faz a filosofia, é evidente que a filosofia que o discurso que compreende ele mesmo como discurso de outra possibilidade é a violência, e a violência não é somente a outra possibilidade, mas a possibilidade realizada em primeiro lugar: o discurso se forma, o homem forma seu discurso na violência contra a violência, no finito contra o finito, no tempo contra o tempo. (WEIL, 1996, p. 69).

Assim, pois, Weil fundamenta toda a sua filosofia, tentando, por meio de um sistema filosófico que compreende uma *Lógica da filosofia*³, uma filosofia política e uma filosofia moral, esclarecer o dualismo *razão e violência* presente no homem. O essencial em sua definição é que o homem não é razão, mas pode sê-lo; e, por outro lado, o não ser razão implica ser violência. O homem é por opção razão e violência, pois a violência não tem sentido senão para a filosofia, a qual é recusa da violência.

Weil visa fundamentar a construção de uma ação sensata, mostrando o homem não somente como ser racional, mas como ser violento e dotado de paixões. Mostra o embate entre *Filosofia e Violência*⁴, explicitado pela relação entre categorias e atitudes,

³ A ideia de uma lógica da filosofia surge do fato de que o homem se compreende no seu discurso, a partir da violência e em vista da coerência. Com outras palavras, ela surge do fato da filosofia que surge do fato da violência. De fato, a coerência constitui sempre um fim a ser atingido na história vivente, ela não é nunca dada ou pressuposta simplesmente, porque o dado e o pressuposto anterior a qualquer coerência é sempre a violência. Mas a coerência como fim é um fim de certo modo já sempre atingido, pois a violência não é dado nem pressuposto senão para um ser que não é só violência. Cf. PERINE, 1987, p. 136.

⁴ O que é a violência? Eric Weil nos dá uma definição rigorosa. A forma mais espetacular da violência, o enfrentamento que leva os homens a combates sangrentos, não é talvez a forma mais compreensiva e mais

construindo, a exemplo de Platão e Hegel, um grande e novo sistema dialético em sua Lógica da Filosofia. É evidente que Filosofia Política e Filosofia Moral estão organicamente ligadas com a Lógica da Filosofia, o que não impede o estudo isolado de cada uma delas, desde que tenhamos uma compreensão do papel de cada parte perante o todo.

A idéia de uma lógica da filosofia traduz aquela tarefa que Kant, segundo Weil, atribuiu essencialmente ao filósofo, posto que ela diz respeito ao que mais importa ao homem na vida: a busca do sentido, que não é e não pode ser senão a subida difícil, laboriosa, lenta na direção dos fundamentos do discurso do homem agente. Essa tarefa incumbe essencialmente ao filósofo porque, tendo escolhido a compreensão, ele carrega a inquietação daquele que quer compreender até a sua própria compreensão. Partindo dessa caracterização do indivíduo, poderemos explicitar uma dialética: o homem é natureza enquanto dado que se pode descrever e classificar, mas não o é enquanto ser de razão e de linguagem.

2 Categorias e atitudes

Assim, o homem é natureza e razão, determinado e indeterminado, situado e livre. Ele é o ser que não é porque é seu próprio devir, o qual não é somente um devir natural e descritível, mas seu próprio fazer-se. Neste novo empreendimento filosófico de compreender o homem e o sentido de sua ação, formulamos uma Lógica da Filosofia, que através de uma relação dialética entre categorias e atitudes, tenta melhor explicitar o agir humano seja no seu aspecto teórico, seja no aspecto prático. Daí resulta que a Lógica da Filosofia não é nada mais que uma análise das diversas formas de linguagem e de ação, enquanto expressão do comportamento e enquanto forma de expressão

profunda. De modo mais geral, Eric Weil inscreve na atitude da violência todo homem que não procura justificar sua vida e seu falar diante do tribunal da razão, e que se contenta com a expressão imediata de seu sentimento ou com a afirmação racional de seu dogmatismo. A filosofia, por sua vontade de compreensão e de coerência, separa-se para sempre de uma matéria que a excede: a vida e sua violência praticada ou suportada. Se a filosofia se esquece desse enraizamento no mundo da vida, ela não se compreende mais, mas se interpreta como ciência do ser (de Platão a Hegel), pensando que assim pode impor-se a todos. Isso significa cometer dois erros. De um lado, a filosofia não pertence ao domínio da verdade objetiva. Do outro, a verdade objetiva da ciência não se impõe àquele que não se mantém na coerência; em outras palavras, a verdade objetiva repousa numa escolha livre. Weil define a filosofia como o empreendimento de todo homem que em seu mundo procura orientar-se, procura o sentido (mais que a verdade) que se opõe à violência. Cf. ROBINET, J-F. *O tempo do pensamento*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 279.

livremente escolhida pelo filósofo, já que ela não é ontologia, é lógica, não do ser, mais do discurso na sua unidade. (WEIL, 1996, p. 42).

Atitude é a maneira de viver de uma pessoa ou grupo, respeitando todo o seu contexto histórico, ou seja, o tempo, espaço, cultura, valores, coisas que as envolvem, material e espiritualmente. Para Weil, o ser humano não tem consciência de sua atitude, pois ele a vive. Tudo o que natural não tem necessidade de ser pensado. Antes do homem se tornar consciente da necessidade de falar e agir, ele fala e age. Esta atitude não é necessariamente consciente, mas é realizada. Ela não põe o problema da origem do sentido, porém, mostra-o e o exprime na ação, nos fatos e nas coisas. Exprime também nos seus sentimentos e em suas palavras, as vezes sem o compreender. Porém, quando quer compreender o que faz e o que foi feito, volta-se para a vida e tenta traduzi-la em um discurso coerente, que seja válido para todo homem que pensa. (SOARES, 1998, p. 19).

Portanto, quando o homem, tomando consciência de sua atitude, embora estas atitudes não sejam necessariamente conscientes, pratica um ato revolucionário na medida em que agora a compreende e a domina. Há agora uma separação entre o sujeito e o objeto, isto é, a atitude é o outro que deve ser pensado e questionado. As atitudes humanas são compreensíveis, mesmo que nem todas tenham a mesma relevância para o discurso. O homem em todas as atitudes que vem a realizar, responsáveis ou irresponsáveis, apresenta sempre um lado compreensivo para aqueles que tem certa pré-disposição para compreender.

A atitude, pura, enquanto atitude, não se distingue das demais atitudes. Sua diferença consiste na percepção do essencial do seu mundo. Ela percebe o essencial de seu mundo como conceito, isto é, como categoria. Neste sentido, podemos afirmar que a ação vem a ser uma categoria em que o mundo se compreende, ela se torna o essencial de determinada atitude. Portanto, a atitude pura é definida somente em relação ao filósofo enquanto discurso filosófico. A categoria não somente exprime uma atitude, mas a define. É por meio dela que se compreende a atitude pura, e por meio desta compreendem-se as atitudes impuras que são as realmente vividas na história, como também os discursos incoerentes, resultados dessas atitudes. (SOARES, 1998, pp. 54-55).

A tarefa de uma lógica da filosofia consiste, pois, em mostrar como o discurso se desenvolve, isto é: como o discurso pode se formar na história, a partir de uma atitude primeira da qual nada obriga o homem a sair. (WEIL, 1996, p. 74). Dito de outra maneira, trata-se de compreender como aquilo que é reconhecido implicitamente na atitude chega à luz da consciência da atitude; como a ideia do discurso coerente que se

compreende a si mesmo permite ao filósofo orientar a sucessão dos discursos particulares, em vista de uma compreensão compreensiva, em vista de uma primeira filosofia, fundamento de toda filosofia ulterior, qualquer que seja o nome que esta leve: ontologia, moral, psicologia, política, filosofia da natureza, da existência, ou da ciência; é na lógica que todas elas se compreendem no seu sentido para o homem que as faz.

Ademais, cada categoria subentende uma atitude. A categoria é que tudo organiza, tudo explica e dá sentido a tudo. A categoria passa a ser a explicação coerente das ações humanas na História, ao assumir determinada atitude. É de suma importância que categoria deva ser entendida como categoria filosófica e não como categoria metafísica. Eric Weil insiste nessa distinção, na medida em que é essa a diferença que determina e justifica sua *Lógica da Filosofia*.

A atitude designa um modo do homem de estar no mundo, de viver no mundo em função de um interesse fundamental. Pela atitude, o homem é fixado diretamente no objeto de seu interesse. Em sua ação, ele procura distanciar-se daquilo que o nega, e, quando fala, exprime sua convicção e seu sentimento. A categoria eleva a atitude vivida à coerência do discurso, procurando o que constitui o essencial da vida. Ela é própria do filósofo, que não se contenta em viver, mas quer compreender o que vive. As atitudes são de número indefinido, e indefinidas são também as categorias nas quais os homens tentam compreender reflexivamente o que vivem. Essa correspondência da atitude e da categoria determina a primeira tese: a identidade de Filosofia e História. A vida dos homens na história e os discursos filosóficos não forma dois mundos separados, dois universos independentes. A filosofia não se alimenta de si mesma, não tem matéria independente. Ela leva à coerência do discurso a matéria viva na qual ela se encontra. Nesse sentido, pode-se comparar a filosofia ao direito. O direito dá forma regular a uma matéria confusa e múltipla: o conjunto dos costumes, dos usos, das vontades individuais ou coletivas. Do mesmo, a filosofia vem dar forma à vida para compreender esta vida: *primum est vivere, deinde philosophari* (“Primeiro é viver, depois filosofar”).

Weil não se propõe fazer um inventário empírico dos diferentes modos de vida que o homem adotou no curso de sua história, e sim elaborar a ordem das atitudes e das categorias puras. Para formar uma categoria pura, o nosso autor parte dos discursos, mais ou menos coerentes, que o homem empregou na história e pelos quais se orienta no mundo, e os submete a uma operação de análise e de redução ao essencial. Ele obtém assim uma compreensão fundamental do mundo, que ele chama precisamente de “categoria filosófica”. Não se deve confundi-la com uma categoria metafísica, que

explicita os conceitos fundamentais elaborados pela metafísica a serviço das ciências particulares. Ademais, cada categoria determina uma “atitude pura”, uma maneira singular e irreduzível de viver e de se orientar. A categoria descreve o discurso, a atitude define uma maneira típica de viver, uma experiência singular do mundo. Se a categoria é primeira sob o ponto de vista da reflexão, a atitude é primeira historicamente.

São as categorias que determinam as atitudes puras; são as atitudes que produzem as categorias. Quando se trata de filosofia, as categorias predominam; mas elas só podem predominar porque sabemos que elas são obra do homem, que elas não são “construções”, e que, sendo obras do homem vivo e fundadas em suas atitudes elas só se separam desta vida para reentrarem nela e agirem sobre ela. (WEIL, 1996, p. 71).

Portanto, a dualidade atitude-categoria nos faz compreender alguma coisa de essencial no que concerne à relação entre filosofia e realidade, nos faz compreender de que modo a filosofia se torna presente na História. Elevando a vida irrefletida à sua reflexão, a filosofia transforma o mundo e abre para uma nova possibilidade de estar no mundo, porque o ser humano que a compreende não é mais o mesmo que aquele que vive sem refletir em sua compreensão. A filosofia, pois, elevando a atitude à compreensão, dá à negatividade um objeto disponível que ela pode recusar.

3 As categorias primitivas

As categorias primitivas visam ou dizem a verdade sem distância, sem justificação, sem explicação. As quatro primeiras categorias (verdade, não-sentido, verdadeiro e falso, certeza) são as formas mais simples da compreensão. Elas formam um percurso que pode ser resumido assim: partindo da coincidência absoluta e silenciosa do homem com a verdade, pressuposta a todo pensamento, o homem toma consciência da linguagem e do discurso através da negação.

A verdade, primeira categoria, entendida indica, com uma palavra arbitrária, o começo absoluto, a abertura da compreensão e o desejo irreprimível de presença e de eternidade. Da verdade assim compreendida não se pode falar muito, uma vez que ela é o plano no qual tudo se revela e uma vez que todo falar se inscreve em seu horizonte. A verdade compreendida em seu absoluto não pode ser dita em determinações particulares da linguagem. A verdade é uma atitude que não é categoria por si mesma, ela é identificada como categoria por aquele que conhece o discurso.

Na retratação da verdade aparece o não-sentido, segunda categoria da Lógica. A verdade é sempre visada em seu absoluto, a qual exclui todo discurso, mas de agora em diante ela é visada através da negação: tudo o que se mostra, oculta a verdade. Na linguagem da ontologia: o ser é tudo o que se mostra e oculta a verdade. Nessa perspectiva, essa categoria só existe para aquele que vive e pensa numa perspectiva que conhece o discurso e os discursos. O homem do *não-sentido* fala, isso significa que ele “retoma” o não-sentido sob a verdade. A linguagem vem do homem da verdade, que compreende inadequadamente o *não-sentido*.

Portanto, uma vez compreendido o não-sentido, surge a possibilidade de visar outra coisa, diferente da verdade oculta pelo não-sentido, a possibilidade de um enunciado falso misturado com o verdadeiro: é a terceira categoria da Lógica, que Weil denomina de verdadeiro e falso. Assim, a linguagem começa a ter importância. A atitude correspondente é a do discípulo tornado mestre. A partir do momento no qual compreende o discurso do mestre, que lhe revelou a verdade, o discípulo compreende que vivia numa compreensão falsa. O discurso do discípulo o denuncia, portanto, o falso, a fim de abrir os olhos dos novos discípulos para a luz, para a verdade. Ele denuncia o falso numa linguagem voluntariamente incompreensível, com o intuito de fazer compreender que é necessário ultrapassar a linguagem.⁵

O verdadeiro não é mais apenas a negação do falso, pois no falso existe o verdadeiro que deve ser separado; o essencial positivo se distingue do não essencial, que é o falar dos homens fora da verdade; é a operação da certeza, quarta categoria da Lógica. A certeza não advém da opinião e separa o essencial, a verdade, do não essencial, o que constitui um conjunto de verdades determinadas. A certeza nos diz diretamente o mundo no qual o homem é orientado imediatamente e no qual ele tem um lugar. O discurso da certeza postula que todos os homens possam compreender a verdade; por isso, ele se dirige ao outro por meio de um “sermão” para o convertido, e, supondo-se que o outro não entenda a verdade, é natural destruí-lo, pois ele mostrou sua inumanidade.

⁵ ROBINET, J-F. *O tempo do pensamento*. São Paulo: Paulus, 2004. p. 283.

4 As categorias da razão

A partir da discussão, entra-se em compreensões que se justificam e se explicam. No conjunto das categorias que começam com a discussão pode-se fazer a separação entre as categorias da razão simples, as “categorias gregas”, e as “categorias da reflexão”. Nas categorias da simples razão, o homem sai de sua absorção na verdade, sai do discurso de si mesmo e irrefletido sobre o mundo e entra no movimento da reflexão, mas essa reflexão não se reflete, ela conhece um só termo, a razão compreendida como fundamento autosuficiente. As categorias-attitudes, o objeto e o eu, correspondem a discursos filosóficos desenvolvidos a partir da filosofia grega por Sócrates, Platão e Aristóteles, bem como Epicuro e os estóicos. Os homens podem se encontrar em situações em que são obrigados a abandonar a certeza concreta, qual seja, quando estão numa comunidade dirigida por um dirigente estranho. A discussão ocorre quando não se há mais o conteúdo sagrado, fazendo com que eles recorram à violência, a fim de harmonizar seus desentendimentos através da discussão. Nesse sentido, a figura única e enigmática de Sócrates é de suma importância, já que ele explicita os instrumentos da discussão, o conceito e o raciocínio, e conduz a discussão a fim de ser qual a melhor maneira de viver, fazendo com que haja acordo na comunidade humana.

É o mundo da linguagem, no qual os indivíduos procuram dominar a comunidade pela linguagem, onde tudo se ganha e se perde através da linguagem, onde nada existe para o homem, a não ser que lhe seja mostrado pela linguagem. [...] Sócrates tem uma só coisa a oferecer: a discussão visando o Bem. Sócrates descobre na linguagem a possibilidade do discurso formalmente coerente. (WEIL, 1996, p. 128-132).

Diante da revolta do bom senso contra a discussão que nada resolve, aparece o objeto, sexta categoria da Lógica. Assim, os homens, em vez de discutir infinitamente, podem pôr-se de acordo no que concerne o real fora do discurso. A procura pelo real remete à elaboração de um saber racional, que procede por observação e análise. Para que isso ocorra, é preciso que a razão se faça presente no mundo. Além das ciências particulares, forma-se a metafísica que, juntamente com a filosofia, na visão de Weil, é a ciência primeira. O metafísico se interessa pela política, porque quer assegurar sua existência individual sem suportar as desordens da cidade.

Portanto, diante da possibilidade de o discurso sobre o objeto ser recusado e o indivíduo se recusar a se dedicar à ciência e a se absorver na teoria do ser, temos o eu,

sétima categoria da Lógica. O eu busca uma felicidade justificada, sem levar em conta as circunstâncias, que ponha o indivíduo sob seu desejo e medo. Aqui a contribuição de Epicuro, que chegou ao ideal de uma vida tranqüila através da libertação dos desejos vãos ou mesmo dos estóicos, que levavam um ideal de vida sem paixões, é imprescindível. Seja como for, epicuristas e estóicos se equivocaram, porque a realização de seus ideais levaria o indivíduo a se extinguir sobre a face da terra. O importante é que chegou-se à constatação de que o homem é um ser dotado de sentimentos e paixões.

5 As categorias da reflexão

Dentro da *Logique de la philosophie*, a reflexão filosófica moderna tem seu início na atitude-categoria Deus. O ser humano se complexifica através da reflexão, já que ele é definido por termos positivos: a existência e a essência, a liberdade e a razão. O homem é feito à imagem de Deus e, segundo Weil, sua razão e seu sentimento são realmente o que são em sua essência somente com a condição de se tornarem conformes à razão e aos sentimentos divinos. A categoria de *Deus* constitui uma ruptura decisiva na ordem das categorias. Pela primeira vez o homem se vê em sua totalidade, liberdade transcendente da razão e do sentimento, transcendente absoluto da natureza. Porém, o homem não vê esse princípio em si mesmo, mas em Deus.

Segundo o nosso autor, a atitude-categoria Deus não tem nenhuma relação com a vivência religiosa. Com exceção do cristianismo, considerado por Weil como produto de uma evolução posterior. As religiões, a exemplo do Judaísmo e Islamismo, evitam a reflexão filosófico-teológica. Na verdade, Deus é em-si somente para o homem crente, que vê em Deus, a condição de sua salvação. Para o filósofo que pensa Deus através do discurso filosófico moderno, Deus é totalmente para-si, pura liberdade autoconsciente.

A nona categoria da Lógica, *a condição*, se dá quando o homem que perde a sua fé descobre uma nova realidade. Esse homem se descobre ser finito em luta contra a violência natural, isto é, imposta pela natureza. Essa natureza é reduzida a um mecanismo e a sociedade passa a pensar sobre si mesmo com uma parte desse mecanismo nas ciências econômicas. Weil denomina essa categoria de “consciência média do nosso tempo” (WEIL, 1996, p. 231).

A fim de encontrar satisfação na ciência e no progresso sem voltar a um discurso anterior, aparece a *consciência*, décima categoria da Lógica. A consciência se dá

quando o homem abandona o discurso científico e se interroga sobre sua possibilidade, descobrindo o seu Eu, para além de toda instância científica. O homem volta a si mesmo, com o intuito de se compreender a si próprio.

Despertada a consciência, é possível constatar a sua limitação: a *inteligência* (undécima categoria da Lógica). O homem da inteligência vive fora da história, compreende os outros, mas não compreende a si mesmo. A inteligência não compreende a si mesma, pois para si mesma ela é inexplicável. A inteligência não se limita à liberdade do homem diante da oposição dos determinismos da natureza.

Desenvolvendo a inteligência plenamente, torna possível uma nova atitude, a *personalidade* (décima segunda categoria da Lógica). O homem da personalidade é aquele que reintegra o mundo que o homem inteligente havia abandonado, reintegra um mundo não pronto, mas por construir, mundo que ele mesmo constrói. O homem se encontra numa luta infinita, a luta para ser ele mesmo, contra os outros, contra a sociedade das pessoas instaladas, contra si mesmo, já que ele mesmo é resultado do produto dos outros, da sociedade e da tradição.

Na décima terceira categoria da Lógica, o Absoluto, o homem se define como a negação infinita daquilo que o nega, e define a verdade como o resultado do conjunto das mediações. Para Weil, o homem está no Absoluto com a condição de ser absoluto, de ter passado pela totalidade das negações e de ter exercido totalmente sua negatividade, com a condição de ser o *devoir* em sua totalidade. Todas as contradições encontram lugar no discurso absoluto, onde o indivíduo é elevado ao universal. Numa palavra, o absoluto concede a definição da filosofia. Toda filosofia pressupõe o que o Absoluto realiza, a unidade da compreensão e da compreensibilidade. O absoluto tem razão com uma condição, a condição expressa de que o indivíduo ponha o essencial de sua vida na compreensão.

6 As categorias da revolta e da ação

A vida que nega o discurso pode reivindicar a universalidade que a filosofia reivindica, o que nos leva à categoria da *obra* (décima quarta categoria da Lógica). A *obra* efetiva uma ruptura profunda com a tradição filosófica, que é procura da razão e reflexão da liberdade por meio da razão. A *obra* quer ser uma realização, uma compreensão verdadeira do mundo, e essa compreensão caracteriza-se pelo fato de que ela recusa toda reflexão, todo pensamento, no qual ele vê uma traição. O homem da

obra não se compreende como violência, pois ele está todo no sentimento do que tem a executar. A única categoria que ele reconhece é a da condição. E suas forças são empregadas no sentido de subordinar o homem da condição à criação absoluta.

A categoria do finito, décima quinta categoria da Lógica, participa da mesma paixão que a categoria *obra*, porém não crê em sua finalidade. O homem dominado pelo finito se separa da *obra*, pois vê seu insucesso, vê em sua finalidade um possível engano. Para Weil, a obra é projeto, e projeto livre e o mundo é mundo humano, que o homem projeta projetando-se. O insucesso do projeto humano o chama á ordem de si mesmo, à sua condição de ser finito, temporal, mortal, liberdade projetando-se sempre no mundo da satisfação, da coerência, da presença, mas reduzida a si mesma pelo encontro com a violência, presente no insucesso.

O homem que quer ser ele mesmo no finito sabe, portanto, a dificuldade que o espera quando ele quiser estabelecer a incoerência de modo coerente. Para o homem do Absoluto, tratava-se de fazer a incoerência (o particular) entrar no coerente (o discurso), e isso é possível. Mas essa possibilidade se mostrou como a do esquecimento, e se segue que ela tem sua origem numa possibilidade mais profunda, precisamente a que ela esquece: trata-se, pois, de fazer a coerência entrar no incoerente. Em outras palavras, o problema é o do Ser, que nunca está presente, que nunca se revela em sua totalidade ao homem (que nunca coincide com o discurso), que é absolutamente mais poderoso que o homem e que, não obstante, não é Ser senão revelado ao homem e revelado pelo homem, e isso não apesar da finitude do homem, mas por causa dela. Qualquer outra idéia do Ser leva ou ao esquecimento, no saber absoluto, ou suprime todo discurso; ora, de um lado, não há saber absoluto, porque o homem é temporalidade e finitude, e, do outro, há discurso, porque o homem está em um mundo, isto é, de um lado, porque sua preocupação é insucesso; do outro, porque ela tem um sentido. (ROBINET, 2004, p. 290).

Na décima sexta categoria da Lógica, a ação, o homem participa do sentimento e se revolta contra a satisfação que o homem experimenta no discurso, porém não se deixa levar pela violência de seu sentimento e rejeita o sentimento da violência experimentado nos jogos da linguagem poética. A ação rejeita ao mesmo tempo a compreensão absoluta, que deixa a particularidade ser por si mesma, o que é representada pelo discurso hegeliano, e o discurso da finitude, centrado na unicidade individual e no mistério do ser. O homem da ação quer realizar a síntese prática do sentimento insatisfeito e do discurso coerente. O homem procura, pois, uma vida que seja coerente e uma razão que guie a vida. A ação vem rejeitar, a compreensão absoluta, que deixa a particularidade ser por si mesma, o que é representado pelo discurso hegeliano; rejeita, outrossim, o discurso da finitude que é centrado na unicidade

individual e no mistério do ser. O homem que vive a ação pretende realizar a síntese prática do sentimento insatisfeito e do discurso coerente. Este homem procura uma forma de vida que seja coerente e uma razão que sirva para a sua vida de bússola.

Que deseja a ação? A satisfação do homem revoltado, isto é, a realização de um mundo tal que a revolta não seja somente irracional – ela é o desde que o discurso se fez coerente no Absoluto – mas também impossível, humanamente impossível, ou, o que é a mesma coisa, que a revolta, que é o ser do indivíduo, faça parte integrante da realidade na qual o indivíduo, faça parte integrante da realidade na qual o indivíduo vive, ou ainda, que a coerência cesse de ser o *outro* do indivíduo. (WEIL, 1996, p. 397).

Ademais, indagamos: o que é o agir? Agir é empreender a modificação da própria condição a partir de um sentimento de insatisfação sentida. No agir, há uma forma superior do agir, que é o agir político, já que a comunidade age sobre si mesma, e até além de si mesma, sobre toda a humanidade. A ação universal objetiva a liberdade humana através da revolução das condições.

O homem que experimenta a ação faz a reconciliação entre o que o Absoluto tinha deixado subsistir, a contradição entre o homem satisfeito consigo mesmo e o homem que pensa a satisfação, entre o herói que termina a história impelindo-a para a razão objetiva e total e o pensamento no qual o mundo construído se compreende a si próprio. Ao passo que a ação em sua consciência categorial, que integra, por conseguinte, o percurso das categorias do discurso e da revolta, compreende o agir em função da liberdade. (WEIL, 1996, p. 403). A razão prática visa a coerência do mundo, mas ela nunca terminou de tornar o mundo razoável, dada a experiência do homem na possibilidade do mal e da violência. A história, tanto do indivíduo como da humanidade, não pode encerrar-se. Tomar a sério o outro da razão, como o faz Eric Weil, assumindo a verdade dos discursos da revolta, é compreender que a história é e pode ser orientada, mas, sempre arriscada e aberta à possibilidade da violência e da regressão da civilização.

7 As categorias formais do sentido e da sabedoria

As últimas categorias, cognominadas de formais, circunscrevem todas as categorias concretas. Nessas duas últimas categorias, Weil explicita os princípios últimos de sua compreensão. Portanto, a décima sétima categoria da Lógica, o sentido, vem a compreender todas as categorias concretas em si. A categoria do sentido surge no

limite da categoria da ação. A ação racional nunca chega ao seu término, embora tenha um fim. A ação visa alguma coisa que ultrapassa o fim da história, mas ela não pode determinar concretamente esse fim sem contradizer a definição de liberdade. O sentido desliga as filosofias da lógica da verdade absoluta e da sua violência. A categoria do sentido revela a filosofia a si mesma como possibilidade não necessária, como escolha possível do discurso na linguagem.

Na décima oitava categoria da Lógica, a categoria-atitude sabedoria, dobra a categoria do sentido. A sabedoria diz a mesma coisa que a presença, mas de modo diferente. Porém, enquanto a sabedoria não é abandono do discurso no sentimento do acordo, ela é discurso que se sabe de acordo com a vida, ou seja, é o discurso realizado. Ela é uma categoria formal assim como o sentido o é. A sabedoria é possível em toda figura de sentido onde o homem vive na vista do sentido que ele deu a si e ao qual ele próprio se deu. Para Weil, o homem que procura a sabedoria sabe que vive num mundo cuja história é a da condição. Ele não poderá razoavelmente renunciar à ação nem esquecê-la; ele não poderá deixar o discurso. A sabedoria é a vida do homem razoável.

Considerações finais

A filosofia é discurso que se enraíza na espontaneidade da linguagem dos homens que falam e, falando, delineiam um mundo, uma compreensão. Na linguagem se desdobram todas as linguagens e todos os discursos, também as linguagens que não querem se compreender a si mesmas, mesmo o grito da revolta absoluta. O trabalho da filosofia consiste em elevar à consciência todas as linguagens, sejam elas quais forem. Ela chega a dar coerência ao discurso que recusa toda coerência, por exemplo, a atitude da obra. A filosofia é “ciência do sentido”, ciência porque sistema completo, aberto. Ciência do sentido porque ela faz a hermenêutica de um sentido concreto, que a precede na vivência e na experiência dos homens e porque ela reflete na categoria vazia do sentido formal. (ROBINET, 2004, p. 292-293). Na Lógica da filosofia, Weil pensa em verdade todo o pensamento, e é esse pensamento que lhe permite, e até mesmo exige, já que o filósofo tem um compromisso com a coerência, desenvolver um pensar sobre a Filosofia Política e a Filosofia Moral. Nada mais coerente que isso, pois, segundo Weil, só a lógica acabada possui categorias. Nesse sentido, o sistema de Weil pretende ser uma retomada de toda a história da filosofia para além de Hegel e sua proposta é

acrescentar algo a esse além, comprovando que o ato de filosofar vem a ser um desafio para quem busca a compreensão da época atual.

Referências

- CANIVEZ, P. *Le politique et sa logique dans l'oeuvre d'Eric Weil*. Paris: Kime, 1993.
- COSTESKI, E. *Atitude, violência e Estado mundial democrático: sobre a filosofia de Eric Weil*. Fortaleza: Unisinos-UFC, 2009.
- PERINE, M. *Filosofia e violência: sentido e intenção da filosofia de Eric Weil*. São Paulo: Loyola, 1987.
- _____. *Eric Weil e a compreensão do nosso tempo: ética, política, filosofia*. São Paulo: Loyola, 2004.
- ROBINET, J-F. *O tempo do pensamento*. São Paulo: Paulus, 2004.
- SOARES, M. C. *O filósofo e o político segundo Eric Weil*. São Paulo: Loyola, 1998.
- _____. A Lógica como Diálogo. *Veritas*, Porto Alegre, v. 43, n. 4, dez. 1998.
- TABONI, P. F. *Libertà e cittadinanza: saggi su Eric Weil*. Napoli: La città del sole, 1997.
- VESTRUCCI, A. *Violenza, liberta e autonomia in Eric Weil*. In: WEIL, E. *Violenza e liberta: scritti di morale e política*. Milano: Mimesis, 2006.
- WEIL, E. *Philosophie politique*. Paris: Vrin, 1996.
- _____. *Filosofia política*. São Paulo: Loyola, 1990.
- _____. *Logique de la philosophie*. Paris: Vrin, 1996a.
- _____. *Philosophie morale*. Paris: Vrin, 1998.
- _____. *Essais et conférences*. Paris: Vrin, 1991. T. 1
- _____. *Essais et conférences*. Paris: Vrin, 1991a. T. 2.

Artigo recebido em: 24/08/11
Aceito em: 13/12/11